

Veronica Henry

FIM DE SEMANA
INESQUECÍVEL

Tradução
Lídia Geer e Inês Castro

*Quinta Essência**

Um



Malditas gaivotas. E maldito Jeff. Porque não era ele capaz de pôr o lixo no contentor como devia ser? Tinham-lhe dito inúmeras vezes que as gaivotas rompiam os sacos do lixo se ele se limitasse a colocá-los na parte de cima do contentor, mas ele nunca lhes dava ouvidos. E, como seria de esperar, o saco fora reduzido a tiras e o conteúdo espalhado pelo pouco mais de metro e meio quadrado de relva que passava por ser o jardim da frente. A relva crescera até ao máximo possível por nunca ter sido cortada e depois começara a pender devido ao peso. Angelica bateu no vidro da janela da casa de banho, mas as cinco gaivotas pareceram não se aperceber, atirando-se todas satisfeitas às sobras que restavam num balde de cartão do Kentucky Fried Chicken que alguém devia ter trazido depois de uma saída na noite anterior, apesar de só Deus saber de onde – Angelica tinha quase a certeza de que não havia nenhum KFC num raio de oitenta quilómetros. Era esse o preço a pagar por viver em Pennfleet. Vistas bonitas, sim, mas nenhum dos estabelecimentos que eram o suporte de vida de uma jovem de vinte e um anos, como a Topshop ou Maccie D's e nem sequer a porra de um cinema!

Quando se mencionava Pennfleet à maior parte das pessoas, estas pensavam num porto pitoresco cheio de barcos a balouçarem alegremente e ruas estreitas e pitorescas, ladeadas

por pequenos chalés ainda mais encantadores pintados nos tons pastel dos gelados. Serviam de tema de milhares de pinturas do mesmo género, muitas das quais se encontravam à venda nos bares e cafés da vila pelos preços elevados indicados em etiquetas que pendiam das molduras de madeira artisticamente envelhecidas. As lojas comercializavam roupa informal de marca – vestidos, camisolas de algodão em tons rosa e azuis desbotados e galochas de marca – canecas com espirituosas frases feitas e peças de bijutaria feitas à mão, tudo vendido a preços exageradamente inflacionados. As famílias percorriam as ruas ruidosamente numa orgia de entusiasmo, desfrutando ao máximo do período de recreação na vila que era sua durante os meses de verão, com muito pouca consideração pelos zeladores, ou seja, a população local que mantinha tudo em boas condições durante os longos meses de inverno, servindo-lhes os chás com natas e os gins com água tónica. Chamavam-lhe Boden-on-Sea e durante o verão a vila ficava cheia de homens de calções de caqui e sapatos de lona, além de mães atraentes com calças à pirata e óculos de sol *Chanel*.

O que a maior parte dos turistas que ia a Pennfleet não sabia era que, se continuassem a percorrer a rua do museu e virassem à esquerda, passando pelo pequeníssimo quartel dos bombeiros e subindo a ladeira, entrando em Acland Avenue, deparariam com uma fila de casas paredes-meias umas com as outras, de aspeto deteriorado e abandonado, que não tinham absolutamente nada a ver com a paisagem marítima idílica mais abaixo. Era ali que se encontravam os mais desfavorecidos, os residentes de Pennfleet que não podiam desfrutar de uma vista do belo estuário do rio e do mar mais além, e cuja única esperança de arranjar trabalho remunerado era durante a época alta mudarem lençóis e limparem casas de banho, a menos que tivessem a sorte de arranjar emprego na fábrica de empadas no parque industrial nas proximidades, em direção a St. Austell.

E até a oportunidade de mudar lençóis e limpar casas de banho estava a diminuir. Os proprietários dos hotéis, restaurantes e cafés tinham, eles próprios, começado a fazer os trabalhos mais sujos a fim de reduzirem custos, enquanto muitos Bed & Breakfasts tinham sido convertidos em pequenos apartamentos. Os tempos eram difíceis e dizia-se que grande parte das pessoas tencionava fazer as suas férias de verão em casa devido à recessão, pelo que as reservas, até ao momento, eram poucas. Exceto nos locais mais caros, ao que parecia, com reservas para todo o verão feitas com bastante antecedência. Angelica sentia-se grata por isso. Tinha começado a trabalhar como camareira no Townhouse by the Sea havia cinco anos, durante os fins de semana e os meses de verão. Quando acabara os estudos fora-lhe proposto trabalhar como rececionista a tempo inteiro, oportunidade que ela agarrara com as duas mãos. Então, três semanas antes, tinham decidido promovê-la a assistente de gerente.

Apanhou o fato do chão onde o deixara no fim de tarde anterior. A saia de linho preto estava amarrotada, mas o casaco não parecia muito mau. Tentou alisar o tecido da saia, mas estava demasiado amarrotada. Teria de a engomar. Claire ia ficar furiosa se ela não se apresentasse impecavelmente vestida. O Townhouse by the Sea era sinónimo de elegância em detrimento dos aspetos práticos. Tudo era da melhor qualidade, desde os lençóis de algodão egípcio aos espelhos e vidros sempre a brilharem, passando pelas superfícies cromadas nas casas de banho que tinham de ser limpas com um pano macio. Nada era feito à pressa.

Pelo menos, como assistente da gerente, ela já não seria obrigada a fazer o trabalho mais exaustivo, a não ser que estivessem com uma grande falta de pessoal. Angelica sentira-se jubilante com a sua promoção, muito embora esse entusiasmo tivesse começado a arrefecer pelo facto de o seu salário não ser muito mais elevado do que antes da promoção.

– As nossas margens são bastante apertadas de momento – explicara-lhe Claire com os olhos muito abertos. – Mas, se o verão for lucrativo, poderemos dar-te um prémio.

E se não fosse? Angelica sabia perfeitamente, uma vez que vivera em Pennfleet durante toda a sua vida, que um verão chuvoso e pardacento poderia ser o beijo da morte para qualquer negócio à beira-mar. Além do mais, não estava convencida de que o Townhouse fosse capaz de se aguentar por muito mais tempo com os preços que cobravam. O luxo era muito agradável, mas duzentas libras por noite? A não ser que o verão fosse quentíssimo, teriam muita sorte se não falissem no fim da estação estival.

O que seria devastador. E não só para ela. Angelica sabia bem que tivera muita sorte. Adorava todos os minutos que passava no hotel, sempre ávida por aprender tudo o que podia. Todos os empregos que tivera antes não haviam sido mais do que um meio para atingir um fim, uma forma de ganhar dinheiro, mas isto era diferente. Se estava destinada a ficar ali durante o resto da vida – e de momento, parecia que ia ser assim – então, o Townhouse era o emprego que devia ter.

Inegavelmente, constituía um contraste gritante com a sua casa e o que a rodeava. Com o olhar, abrangeu o interior da casa de banho com desagrado. A tinta cor-de-rosa já era muito antiga e estava rachada; o pó acumulava-se em todos os nichos, cantos e recantos. Jeff tinha ajustado uma espécie de mangueira de borracha às torneiras, para poderem tentar tomar duche, mas não tinha o comprimento suficiente para poder ser útil. Atualmente, Angelica mal se servia da casa de banho em casa. Esgueirava-se sorrateiramente para uma das casas de banho das suítes do hotel durante a sua pausa, verificando primeiro quais as que estavam à espera de serem limpas. Adorava o forte jato de água muito quente dos chuveiros, a fragrância a rosmaninho do gel de banho que o hotel oferecia gratuitamente aos clientes, as toalhas brancas de turco felpudo...

Que maravilhoso seria poder levar aquela existência para sempre. Porque existiam pessoas que viviam dessa maneira, como ela sabia. Nem todos viviam encurralados. Se bem que, do mal, o menos, não fora ela a armar a ratoeira em que se encontrava presa. Pensou nas amigas, nas amigas tolas e ingênuas que se colocavam entre a espada e a parede com a vinda de um bebê. Ela escarnecia da alegada esperteza delas. Como é que decidir sobrecarregar-se com uma criança seria vantajoso para alguém? Angelica tivera a oportunidade de ver os apartamentos sórdidos que a segurança social lhes concedera. Sabia dos escassos subsídios que lhes eram atribuídos. Era uma vida sem qualquer esperança de futuro.

É claro que, em termos práticos, ela tinha liberdade para virar costas à sua vida atual quando bem lhe apetecesse. Mas como poderia fazer isso? Agir de forma egoísta não fazia parte da sua natureza. Não herdara essa faceta da mãe.

Viu-se ao espelho do armário dos medicamentos acima do lavatório. Tinha uma pele de um branco leitoso, olhos que apesar de serem pequenos eram compensados pela sua cor azul cintilante, um bonito cabelo preto sedoso que lhe dava pelos ombros e com uma farta franja, uma boca rasgada com um lábio inferior carnudo. A sua aparência física não tinha nada de especial sem maquilhagem, o que era útil durante o trabalho, permitindo-lhe passar despercebida e em segundo plano. Mas com a chegada da noite, os olhos delineados a preto, pestanas postiças e um batom vermelho vivo, Angelica ficava com um aspeto que nunca passaria despercebido. Era uma pena não haver ninguém para apreciar essa transformação.

Isto é, com exceção de uma pessoa e ele encontrava-se, indiscutivelmente, fora do seu alcance. Por isso, ela não se permitia pensar nele durante mais tempo do que era necessário.

Agarrou nas roupas e desceu as escadas com a rapidez que as pernas compridas lhe permitiam. Tirou a tábua de engomar do lugar, entre o frigorífico e a parede, erguendo-a ruidosamente e

mostrando uma total indiferença pelo facto de Jeff estar a ouvir atentamente as condições do trânsito no rádio. Trabalhava como estafeta, pelo que era importante para si saber se os engarrafamentos do fim de semana prolongado já tinham começado.

– Arranja-me uma chávena de chá, Jeff – pediu ela num tom de voz sedutor, ligando o ferro na tomada e ajustando a temperatura para o máximo. Não tencionava falar-lhe do lixo. Se admitisse ter reparado, sentir-se-ia obrigada a apanhá-lo, o que a faria chegar atrasada ao trabalho. A mãe não tardaria a deparar com o lixo, quando se dignasse levantar-se da cama. Ela podia ter a discussão. Ao fim e ao cabo, Trudy não tinha mais nada que fazer.

Jeff estendeu um braço e, sem pestanejar, deitou o chá com borras castanho-escuras de um bule de aço inoxidável numa caneca, juntando um pouco de leite de um pacote, após o que lhe passou amavelmente.

– Obrigada – agradeceu Angelica, levando a caneca à boca e fazendo uma careta de desgosto ao constatar que o chá estava morno. – Que zurrapa!

– Sabes onde está a chaleira – ripostou Jeff.

Com brusquidão, ela pousou a caneca, enquanto o vapor saía do ferro de engomar com um silvo encolerizado.

– Vá lá, faz-me um chá fresco. Sabes que queres.

Jeff revirou os olhos e pôs-se de pé, dirigindo-se para a chaleira num passo arrastado. Angelica ficava com engulhos no estômago só de olhar para ele. Tinha uma barriga rotunda por baixo da *T-shirt* da *Jack Daniel's*, otimisticamente metida por dentro das calças de ganga azul cingidas por um cinto cuja fivela era uma sólida águia dourada. E este vestuário era complementado por um cabelo ralo grisalho, que ele prendia num rabo-de-cavalo, e uma pera fininha... Angelica estremeceu, perguntando-se o que teria levado a mãe a sentir-se atraída por ele.

Verdade fosse dita, ela sabia qual a razão. Era porque Jeff era atencioso e afável. Arruaceiro e maçador ao máximo, mas

com uma natureza extremamente generosa. Não havia nada que ele não fizesse pela sua mãe – bem, exceto não pôr o lixo no caixote – e, por isso, Angelica sentia-se agradecida, uma vez que a aliviava da tensão. De qualquer maneira, Jeff podia ter um aspeto desmazelado e um extraordinário mau gosto para se vestir, mas era infinitamente melhor do que o último namorado da mãe.

Angelica nunca tinha compreendido por que devia cobrir-se mais recatadamente enquanto passava a ferro. Infelizmente, o predecessor de Jeff aproveitara-se do facto de ela usar apenas a roupa interior para uma apalpadela experimental, metendo-lhe os dedos por dentro das cuecas. Angelica tinha-o agarrado pelo pulso, batendo-lhe com a mão na tábua de engomar com toda a força e passando-lhe o ferro em brasa pela palma da mão. Ouviu-se um sibilar de carne queimada, seguido de um rugido de dor e raiva. O tipo precisou de alguns segundos para se aperceber do que acabara de acontecer.

– Sua vaca chanfrada! Vou fazer queixa de ti à bófia! Isso foi agressão física. Porra! – Tinha corrido para o lava-louça e aberto a torneira da água fria. – Vou processar-te!

Angelica tinha ficado a olhar para ele com toda a calma.

– Acho que irás descobrir que foi em legítima defesa – retorquiu ela.

Trudy tinha descido para saber o motivo de tanto alvoroço.

– Vais ter de me levar ao hospital! – berrou ele furioso, estendendo o braço para ela ver a queimadura na palma da mão. – Ela queimou-me a mão com o ferro.

– A mesma mão que enfiaste nas minhas cuecas – fez notar Angelica. – E para de te lamuriar. O ferro não estava assim tão quente; só estava ligado para poliéster. – O incidente acontecera antes de ela começar a trabalhar no Townhouse, quando ainda estava na loja de empadas.

– Não devias passar a ferro em roupa interior! – gritara-lhe a mãe.

– A casa também é minha. Se me apetecer, até passo a ferro toda nua! – replicou Angelica igualmente aos gritos.

O tipo nunca mais fora visto por ali e a mãe de Angelica amuara durante várias semanas. Até ter encontrado Jeff na noite em que fora ao *pub* e o arrastara para casa. Desde então ele fazia parte da mobília. Levara consigo um pouco de estabilidade à família, dado que quando Trudy tinha um homem em casa andava, inegavelmente, mais calma, o que tornava as coisas mais fáceis.

Angelica voltou a pousar o ferro no suporte com estrondo.

– Importas-te de guardar o ferro e a tábua, por favor? – pediu quando já saía da cozinha, sabendo de antemão que ele faria o que lhe pedia.

– Ei... e o chá? – perguntou ele, indignado.

– Não tenho tempo...

Angelica correu pelas escadas acima, vendo as horas no relógio de pulso.

Tinha concedido a Dill tanto tempo na cama quanto possível, mas, se não o obrigasse a levantar agora, chegariam atrasados. Abriu a porta do quarto que ambos partilhavam e com o olhar procurou a forma do pequeno corpo tapado com o edredão do *SpongeBob*. Entrou e evitou os objetos espalhados pelo chão – caixas vazias de DVD, cromos de futebol, mutantes de plástico com extremidades aguçadas que magoavam os pés, caso alguém os pisasse acidentalmente.

Ele continuava a dormir profundamente com os auriculares nos ouvidos. Angelica conseguia ouvir sumidamente uma canção de Jessie J. Ele adormecia sempre com o *iPod* ligado. Angelica receava que o cérebro dele nunca descansasse adequadamente. Tinha lido algures que as crianças deviam dormir com as luzes apagadas e sem a presença de qualquer estímulo. A terapeuta do apoio domiciliário dissera-lhe que não se preocupasse. No entanto, Angelica não tinha grande confiança nela. Só parecia desejar que não a chateassem, exatamente como a sua mãe.

Nenhuma delas se preocupava realmente com o bem-estar de Dill.

– Ei, dorminhoco. – Angelica sacudiu-o ligeiramente através do edredão. Os olhos dele abriram-se e ela tirou-lhe os auriculares dos ouvidos com toda a suavidade.

– Não quero levantar-me – gemeu ele, espreguiçando-se, a parte de cima do pijama a acompanhar o movimento dos braços, expondo o estômago. Com oito anos, continuava a ter as bochechas e os dedos gorduchos de uma criança mais pequena. O irmão mais novo de Angelica. Melhor dizendo, meio-irmão – nenhum dos irmãos de Angelica tinha o mesmo pai – mas ele causava-lhe sempre um aperto no coração.

– Vamos lá. Tens meia hora. Toca a vestir e a lavar os dentes.

Se dependesse da mãe de ambos, Dill continuaria na cama durante mais umas duas horas. Trudy não era capaz de perceber como era importante ele não chegar atrasado à escola, já que de qualquer maneira nunca aprenderia grande coisa. Para ela, que importância teriam umas duas horas aqui e ali? Mas Angelica acreditava na rotina. A rotina era importante para Dill, quer isso agradasse ou não ao irmão ou a qualquer outra pessoa.

O garoto virou-se para o outro lado, ocultando a cabeça com os braços num gesto de protesto. Angelica baixou-se para lhe fazer cócegas e o irmão começou a contorcer-se, acabando por se levantar da cama numa atitude de capitulação e aterrando aos pés dela, sorrindo-lhe deleitado.

O coração dela derreteu-se, como acontecia sempre. Angelica adorava o irmão. O que era uma sorte para ele, porque precisava dela. Se a irmã alguma vez se fosse embora, não haveria grandes esperanças para o futuro de Dill. Trudy não se esforçaria pelo filho, não lutaria para que ele pudesse ser matriculado na escola local, para que fosse tratado como uma criança normal. Dill tinha síndrome de Down, mas não o afetava severamente.

Porém, precisava de continuidade, estabilidade, de ser acarinhado e de ter disciplina. Trudy não era capaz de providenciar isso ao filho. O seu desprendimento, a sua volatilidade e os seus períodos de depressão eram a última coisa de que Dill precisava. Não que Trudy não amasse o filho – é claro que amava –, mas não parecia ser capaz de fazer os sacrifícios necessários para assegurar que ele se desenvolvia o melhor possível.

Angelica tentava proporcionar ao irmão aquilo que ele precisava. Comportava-se como uma mãe para ele, mas não se ressentia disso. Como o poderia fazer? Dill era o que o destino lhe reservara e nunca deixaria o irmão enquanto ele precisasse de si. E não podia dizer-se que fosse *assim* tão difícil. Podia trabalhar quando quisesse; sair quando quera, porque o irmão não dependia exclusivamente de si. Havia outros também a contribuir – até as suas meias-irmãs, Kimberley e Faye. E Jeff. Mas Angelica era a rede de segurança de Dill. Era ela quem se apercebia sempre do que se passava antes de qualquer outra pessoa e resolvia qualquer problema. A mãe tinha tendência para deixar que as coisas andassem à deriva. Claro que Dill sobreviveria se ficasse inteiramente dependente de Trudy, mas Angelica queria que ele fizesse mais que limitar-se a sobreviver. Queria que o irmão obtivesse tudo o que a vida lhe pudesse proporcionar. Levava-o à natação e à equitação. Lia-lhe; ajudava-o a fazer os trabalhos de casa. Também o levava aos treinos de futebol. Propiciava-lhe tantos estímulos quanto o tempo e o dinheiro permitiam.

Ele era o seu pequeno compincha.

Meia hora depois, os dois saíam pela porta da frente: Dill com o cabelo cuidadosamente penteado com gel como ele gostava, vestido com o uniforme verde da escola e a mochila *Doctor Who* nas costas, enquanto Angelica estava primorosamente vestida com o seu saía-casaco de linho e penteada com toda a perfeição. Acompanhou o irmão até ao portão da escola, despedindo-se dele com um beijo, à semelhança do que as mães

faziam, enquanto a mãe deles continuava a dormir, alheada do resto do mundo.

Era o que acontecia todos os dias.

Invariavelmente, os hóspedes do hotel ficavam boquiabertos de espanto quando entravam no Townhouse. Era um edifício quadrado com cinco pisos sobranceiro ao porto de Pennfleet e fora em tempos o edifício da alfândega. Tinha paredes espessas e janelas largas que o enchiam de uma luminosidade translúcida. No interior, a atmosfera era de opulência, marcadamente diferenciada da decoração com temas marítimos – Pennfleet já estava bem servida de estabelecimentos com motivos náuticos. As paredes estavam forradas a papel verde-claro com aves em relevo dentro de gaiolas douradas. Do teto da receção pendia um lustre de cristal de Murano de onde irradiava uma luz rosada que iluminava um quadro na parede, que mostrava a previsão meteorológica do dia, bem como as horas das marés; as chaves dos oito quartos estavam penduradas na parede, presas a enormes porta-chaves de cabedal impossíveis de perder. Havia uma pequena área de estar mobilada com uma *chaise longue* de veludo cor de laranja e dois sofás de couro propositadamente desgastado; numa mesa redonda no meio do átrio via-se um cabaz forrado de vidro cheio de musgo e de luxuriantes ranúnculos. O ar estava impregnado de um aroma delicioso: café acabado de fazer a que se misturava a fragrância de três velas que eram um misto de canela, gengibre e cardamomo.

O efeito geral era tanto calmante quanto estimulante. Os hóspedes tinham a sensação de que acabavam de entrar num pequeno paraíso que era único e especial. Claire detestava descrições como «subtil» e «clássico com algo especial» – considerava-as excessivamente utilizadas –, mas supunha que se adequavam ao hotel, embora nunca sacrificasse o estilo em abono da excentricidade. Tudo era precisamente como devia ser.

Passou uma vista de olhos pela lista de hóspedes que tinham reserva para o próximo fim de semana. Os três quartos no terceiro piso tinham sido atribuídos a uma despedida de solteiro. Dois homens em cada quarto. Habitualmente, Claire tinha relutância em aceitar esse género de reservas, todavia, o padrinho do noivo, Gus Andrews, tranquilizara-a.

– Vamos até aí para velejar. Só queremos um bom jantar acompanhado de um bom vinho – dissera ele. – Não vamos deixar o noivo nu e amarrado na receção, prometo. – Ele parecera-lhe um homem civilizado e não objetara a deixar um sinal substancial, pelo que Claire decidiu aceitar a reserva, fazendo figas para que ele cumprisse a sua palavra.

Dois dos quartos no segundo piso eram interligados, podendo ser reservados por famílias com «crianças bem-comportadas e com mais de dez anos». Estes quartos interligados haviam sido reservados por Mr. Colin Turner, que queria uma cama de casal num dos quartos e duas camas de solteiro no outro – para uma «amiga» e a filha desta. Claire ficou imediatamente intrigada. «Amiga» ou «amigo» tinham sempre conotações imprevisíveis.

O quarto mais pequeno, aquele a que se referiam carinhosamente na página da internet como a «Arrecadação das vassouras», fora reservado por Miss Laura Starling. E, por fim, a luxuosa suíte no primeiro piso, com a sua sala de estar e varanda de frente para o porto, tinha sido reservada pelos hóspedes mais importantes, Mr. Trevor Parfitt e a mulher, Monique. O estômago de Claire deu umas quantas voltas ao pensar na chegada deles.

Trevor e Monique ficavam sempre alojados na luxuosa suíte, uma vez que tinham vinte por cento do Townhouse. Havia muito tempo que Trevor era um grande admirador de Luca, desde que ele fora *chef* em Londres. Quando soube que Claire e Luca andavam a planear comprar o seu próprio hotel, não perdeu a oportunidade de investir. Os Parfitt eram hóspedes

regulares, deslocando-se à vila nos fins de semana prolongados para usufruírem dos frutos do seu investimento, tendo mesmo comprado um barco – uma embarcação luxuosa de um branco resplandecente que não se enquadrava entre os restantes barcos ancorados no porto de Pennfleet.

E agora, tudo o indicava, o casal tivera uma ideia luminosa. Queriam abrir um hotel em Londres e tencionavam levar Claire e Luca para trabalharem nesse hotel. Tinham debatido a ideia aquando da assembleia geral anual havia três semanas. Trevor vendera a ideia como «Townhouse in the City», o que fez com que Claire sentisse uma alfinetada de irritação. O nome Townhouse tinha sido da sua autoria. Agora, Trevor parecia disposto a fazer dele uma marca e Claire não conseguia impedir-se de pensar que ele estava, até certo ponto, a apoderar-se do seu conceito. Disse a si própria que era assim que ele tivera êxito na vida, o que era inquestionável. Não eram muitas as pessoas que, nos tempos que corriam, tinham fundos para investir num novo hotel.

Trevor também estava empenhado em que Monique participasse o máximo possível, em especial no aspeto do *dekkor*. Claire não precisava de ver a casa deles para saber que Monique adotaria um estilo «Jackie-Collins-com-Versace-na-revista-Hello!», em que tudo seria à base de mármore, peles de leopardo e muitos dourados, o que não era nada o estilo de Claire.

Quando, mais tarde, deu conta das suas preocupações a Luca, ele limitou-se a rir.

– Tu és capaz de lidar com ela, só tens de a deixar escolher alguns tecidos para cortinados e umas quantas almofadas.

– Ela vai querer participar em muito mais do que isso!

– Então obriga-a a trabalhar muito. Põe-na a calcorrear Londres à procura de amostras. Vais ver que ela não tardará a faltar-se.

Claire tinha as suas dúvidas. Monique era o tipo de pessoa que quando metia uma coisa na cabeça, não largava o osso.

– Só precisas de sorrir com doçura e fingir que estás de acordo com ela. Depois, pegamos no dinheiro e fugimos. Garanto que o Trevor não levantará entraves. Isto é um projeto motivado pela vaidade.

Claire não estava convencida do mérito de se envolverem num projeto ditado pela vaidade pessoal de um homem, mas Luca persistia.

– O Trevor não vai querer que o empreendimento seja um fracasso. Quanto à Monique, há de acabar por se fartar. E depois, um dia, poderemos comprar-lhes o hotel. Confia em mim, Claire.

Mas Claire não conseguia impedir-se de pensar se aquilo seria o que ela e Luca desejavam realmente. Sim, o maior sonho de Luca era ter o seu próprio estabelecimento em Londres, mas a verdade é que já estavam numa situação bastante apertada. Ao que tudo indicava, ele pensava que poderiam deixar o Townhouse by the Sea sozinho, nas mãos capazes de quem escolhessem para o gerir. Mas Claire sabia que as coisas não eram assim tão fáceis. Quem, por exemplo, se encarregaria da cozinha? As pessoas iam ao restaurante para comerem os pratos que Luca cozinhava; era a sua mão leve e inspiradora combinação de sabores que queriam provar. Não iriam querer um substituto.

Claire decidiu que, para já, não se preocuparia com isso. Havia muito caminho a percorrer até que o sonho se tornasse realidade. Em vez disso, imprimiu os formulários que os hóspedes que chegariam no fim de semana teriam de preencher, e estava a anotar num bloco os pedidos especiais quando a porta da frente se abriu, dando entrada a Angelica.

Angelica era o suporte de vida de Claire. Quando tinha começado a trabalhar no hotel como camareira em regime de *part-time*, Claire apercebera-se logo de algo especial nela, uma avidez em aprender e uma perspicácia que Claire estava convencida de ser capaz de controlar. Quando soube que Angelica estava a acabar os estudos, ofereceu-se para a treinar como

rececionista do hotel. Angelica ficara encantada – estivera prestes a aceitar um emprego numa agência de viagens em Bodmin. Claire dera-lhe duzentas libras para tirar as madeixas cor-de-rosa e pintar o cabelo da sua cor natural, bem como para comprar algumas peças de roupa respeitáveis. Também fora obrigada a tirar a argola que tinha na língua. Madeixas rosa e pírcingues no corpo eram aceitáveis numa camareira, mas nunca na recepção do hotel.

Angelica apresentou-se no emprego na segunda-feira seguinte com o cabelo castanho-escuro cortado num *bob*; vestia uma saia de algodão preto (era um pouco curta de mais, mas Claire teve de admitir que, provavelmente, isso não faria mal nenhum), uma blusa branca justa (uma vez mais, o sutiã preto era claramente visível por baixo da blusa e a mesma conclusão aplicava-se a isso), um casaco de linho com um mau corte e sapatos rasos. Mas agora, três anos depois, ela estava quase – *quase* – preparada para desempenhar o lugar de gerente do hotel. Continuava a ter tendência para falar com alguma brusquidão, mas Claire estava a trabalhar no sentido de limar essas arestas mais agudas antes de lhe dar rédea solta, embora tivesse orgulho na sua protegida.

Claire também ajudava Angelica. Sabia que nem tudo estava como devia estar em casa dela, que ela levava muito a sério as suas responsabilidades para com o irmão mais novo e que a mãe, Trudy, era um pouco destrambelhada. Claire nunca se intrometia, mas nunca lhe passava despercebido quando Angelica se sentia mais tensa e dava-lhe todo o apoio que lhe era possível. Por outro lado, sentia-se bem consigo própria ao pensar que estava a proporcionar uma oportunidade a uma jovem da localidade, em vez de a uma qualquer estagiária presunçosa e ambiciosa acabada de se licenciar em gestão hoteleira. E, de uma maneira de certo modo estranha, tinham-se tornado bastante chegadas, não obstante a diferença de idades. Durante os períodos de maior sossego no hotel, conversavam e

trocavam mexericos, além de partilharem confidências. Numa ou duas ocasiões, em pleno inverno, quando o hotel estava quase vazio, tinham ido ao grande centro comercial em Bristol, como duas colegiais a fazer gazeta a duas horas de matemática, regressando ao hotel cheias de caixas de sapatos, amostras de maquilhagem e o género de vestidos que nunca usariam em Pennfleet, mas que todas as jovens precisavam de ter no seu guarda-roupa.

Por seu turno, Angelica nunca abusava da generosidade de Claire nem da sua abertura para consigo. Durante as horas de trabalho formavam uma parceria e ambas tinham noção de que nunca deviam ultrapassar os limites que existiam entre patroa e empregada. Manter um relacionamento demasiado estreito com alguém que trabalhava para nós poderia ser o beijo da morte, do que Claire estava ciente. Acreditava ter conseguido encontrar o equilíbrio certo.

– Ei – disse –, espero que estejas preparada para o fim de semana. Vai ser um dos compridos.

– O parque de estacionamento já está a encher-se – respondeu Angelica. Pegou na lista de hóspedes e fez uma careta. – O casal Parfitt? Outra vez? Ainda há duas semanas cá estiveram.

– Bem, vamos ter de ser especialmente simpáticas para eles este fim de semana.

– Somos sempre – protestou Angelica. – Eu faço um esforço tremendo para não lhe dar uma bofetada quando ele me apalpa o traseiro.

Claire riu-se. Era verdade: Trevor Parfitt pertencia à velha guarda, o tipo de homem que não considerava uma apalpadela no rabo um gesto ofensivo. Tratava a mulher por «fofa» sem qualquer indício de ironia.

– O Trevor não vai mudar.

– Não – concordou Angelica. – Mas porque temos de ser especialmente simpáticas? Os Parfitt são sempre tratados como realeza quando cá vêm. Porquê?

Claire hesitou. Ainda não tinham falado a ninguém acerca da possibilidade de um novo hotel – os rumores como esses tinham sempre um efeito desestabilizador no pessoal –, mas se o negócio fosse para a frente, ela teria de depender de Angelica mais do que nunca. Decidiu confiar nela.

– Esta conversa fica estritamente entre nós – disse Claire –, mas o Trevor e a Monique estão interessados em abrir um hotel em Londres.

O rosto de Angelica ensombrou-se.

– Mas tu não terias de sair daqui, pois não? – perguntou. – Porque eu não tenciono trabalhar aqui sem ti. Sabes isso, não sabes?

– Não, não sabia – replicou Claire num tom aligeirado. – Mas tu não precisas de mim.

– Não trabalharei para mais ninguém.

– Sinto-me comovida pela tua lealdade – disse Claire, sorrindo. – Mas não te preocupes, ainda não me fui embora. E, de qualquer maneira, até podia ser bom para ti. Iríamos precisar de alguém que aguentasse o forte aqui, caso esta hipótese venha a concretizar-se.

Angelica não fez comentários. Claire quase desejava não ter mencionado o assunto do hotel em Londres, mas a verdade é que não gostava de segredos e dizia-lhe a experiência que não auguravam nada de bom. Pelo canto do olho viu o pescador que atravessava a sala de jantar a caminho da cozinha com a pescaria do dia – era melhor verificar a qualidade do peixe e assinar a guia de entrega.

Pegou no telefone e passou-o a Angelica.

– Importas-te de ligar para a Buddleia? Vamos precisar de um ramo grande de flores para o quarto dos Parfitt e da substituição das flores na receção, além do habitual. – Angelica aquiesceu com um acenar de cabeça, pegando no auscultador que Claire lhe estendia. – E, se fores capaz de suportar isso, leva um café ao Luca e diz-lhe que se levante. Esta manhã precisamos de toda a gente a ajudar.

Claire dirigiu-se para a cozinha. Ela própria estava a precisar de um café bastante forte, assim como de uma tigela de *granola* de fabrico caseiro misturada com iogurte grego e frutos vermelhos. Ia ser um dia muito comprido.

Angelica ficou a olhar para Claire, enquanto esta se afastava, com um aperto no estômago. Sentia-se intranquila. Um hotel em Londres? O que significaria isso para si?

Mudança, de certeza. Mas Angelica não gostava de mudanças. Queria que as coisas se mantivessem como até ali para sempre.

Exceto, como era evidente, as coisas que desejava que fossem diferentes. Mas a vida não se desenrolava dessa maneira, sabia-o perfeitamente. Respirou fundo e disse a si própria que nada era definitivo. Ainda não havia necessidade de ficar em pânico. Tudo podia acontecer. Ligou o número da florista, passando uma vista de olhos pela lista dos outros pedidos que Claire especificara, tomando um apontamento mental das tarefas que teria de tratar em primeiro lugar. Ninguém podia acusar Angelica de não desempenhar o seu trabalho com toda a eficiência.